

A ESTILÍSTICA DA LÍNGUA ENTRE A INOVAÇÃO LEXICAL E O “ERRO” NA ARGUMENTAÇÃO DISCURSIVA

Geraldo José Rodrigues LISKA*

RESUMO

As línguas mudam todos os dias e essas mudanças são acompanhadas por várias especialidades dos estudos linguísticos. Neste artigo, buscaremos nas teorias sociolinguísticas observar algumas particularidades da significação linguística por meio das propriedades das palavras e da relação entre elas, integrando cultura e sociedade, pois não podem ser deixadas de lado as características construcionais motivadas pelas transformações sociais e culturais nos processos de significação. Ao enfatizar os fatores pragmáticos da linguagem, mostramos que os discursos não podem ser condenados pelo modo da fala usado, prática ainda comum na sala de aula.

Palavras-Chave: Variação Linguística e Social; Estilística; Discurso; Escolhas Lexicais.

INTRODUÇÃO

As línguas mudam todos os dias e essas mudanças são acompanhadas por várias especialidades dos estudos linguísticos. Temos muitas discussões sobre a construção do significado, que englobam texto e discurso, fatores cognitivos e lexicais do processamento da linguagem e estudos acerca da variação e mudança linguísticas relacionadas à cultura.

Neste artigo, buscaremos nas teorias sociolinguísticas observar algumas particularidades da significação linguística por meio das propriedades das palavras e da relação entre elas, integrando cultura e sociedade, pois não podem ser deixadas de lado as características construcionais motivadas pelas transformações sociais e culturais nos processos de significação.

Para isso, grande parte do referencial teórico deste trabalho se apoia nas ideias de Soares da Silva (2006), para a abordagem cognitiva da linguagem; Bagno (1997), Calvet (2002) e Bordieu (1998), para a explicação das atitudes e mercados linguísticos (BORDIEU, 1998) das relações sociais do uso da língua.

* Univeridade Federal de Alfenas
E-mail: geraldo.liska@unifal-mg.edu.br

Em nosso *corpus*, observaremos a relação de sentidos para a construção da argumentação do discurso de um radialista² e de um pastor³. Assim, esperamos mostrar como acontecem as relações sociais de trocas linguísticas por meio das palavras como efeito de sentido da intencionalidade específica e estilística do uso das palavras.

ESCOLHA E CRIAÇÃO LEXICAL NA ESTILÍSTICA DA LÍNGUA

Duas formas, costumeiramente aceitas, de direcionar o estudo das palavras são partir, de um lado, da palavra para os seus sentidos e referentes, e, do outro, de um significado ou conceito (ou uma entidade referencial) para as diferentes palavras ou itens lexicais que o podem designar (SOARES DA SILVA, 2006), conforme a Fig. 1.

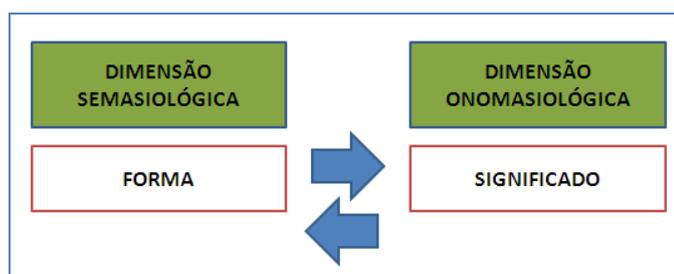


Fig. 1

Dessa forma, ao analisar as mudanças pelas quais a língua passa, temos o desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra, isto é, a mudança semasiológica, e a expressão de determinado conceito, previamente lexicalizado ou não, por um novo ou diferente item lexical, isto é, a mudança onomasiológica. Essas mudanças têm a função de atribuir um conceito ou uma referência a uma nova forma ou a um novo sentido, assumindo a finalidade denominativa dos processos de formação de palavras, ou, ainda, podem ser motivadas pela busca de maior expressividade no discurso, assumindo a finalidade estilística desse processo de criação lexical.

As escolhas lexicais se realizam a partir de modelos e representações mentais construídos subjetivamente por cada indivíduo, por meio de acontecimentos vivenciados e experiências cotidianas. Mesmo que esses modelos e representações

² Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=K6lO1rfW6F8>>. Acesso em 02 ago. 2013.

³ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=aD0wUZtg9aw>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

mentais se realizem de modo subjetivo, “podem ser afetadas pela cognição social, pelas crenças coletivas traduzidas na ideologia” (GIL, 2007, p. 3). As escolhas lexicais, então, estão diretamente associadas às atitudes, crenças e ideologias dos falantes.

A escolha lexical é uma das propriedades ou estruturas do discurso mais fortemente orientadas para a estrutura social e mais relevantes para o estudo dos aspectos sociais da linguagem, pois está diretamente associada a crenças, atitudes e ideologias dos interlocutores, o que significa que aponta diretamente para a realidade e para o entendimento de mundo dos enunciadores (GIL, 2007, p. 4).

Brait (2003) afirma que a análise da dimensão persuasiva do discurso deve levar em conta: os traços que identifiquem as intenções do enunciador, como a manipulação que ele pretende exercer sobre o outro, e a exploração do jogo de imagens que ele constrói sobre si mesmo; os efeitos de sentido ocasionados no texto; e a interação discursiva entre os interlocutores.

Ao realizar seu discurso, Carro Velho (ANEXO A) busca a composição de palavras ou a renovação de sentidos em material lexical já existente, a fim de atingir o prestígio linguístico. Veremos que, embora seja de costume o estudo das palavras na orientação semasiológica ou onomasiológica, as criações lexicais dele não se orientam para nenhuma delas, pois o real significado está na intenção da criação, e não no produto, seja orientado para uma nova forma ou um novo sentido. Não são referenciais, foram criadas especialmente para dar *status* ao seu discurso, por causa da ideia de intelectualidade que um vocabulário “difícil” passa. Assim, encontram-se em um domínio que intersecciona o linguístico e o extralinguístico, de caráter cultural. Mesmo que essas novas formações sejam efêmeras e não façam parte da comunidade linguística, elas se comportam como um dos fatores que evidenciam um estilo próprio do autor de se expressar. Essa manipulação da linguagem é objeto de estudo da estilística:

Um dos objetivos da Estilística é justamente analisar a escolha feita, verificando se de que maneira se consegue com ela efeitos estéticos e expressividade e, sobretudo tentando-se chegar à intenção do enunciador por meio do estilo encontrado em seu texto (CARDOSO, 2004, p. 148).

Entre as características estilísticas de expressão, citadas por Cardoso (2004, p. 148), estão a flexibilidade da língua; no enunciado, a escolha entre objetividade e

subjetividade, entre discurso direto e indireto; quanto à organização dos períodos, há a subordinação e a coordenação; e à organização das frases, ordem direta ou indireta. Embora essas características sejam comuns entre os textos da literatura, não podemos restringir a criatividade da língua ao texto literário. Na linguagem do dia a dia, podemos fazer uso das figuras de estilo ou das características poéticas da linguagem.

Sobre a intencionalidade da escolha lexical, Cardoso (2004) afirma que em todo ato de comunicação existe algo além de simplesmente transmitir a mensagem, mesmo que ela seja referencial, objetiva, pois há com ela “um aspecto intencional, seja um desejo de impressionar o destinatário, seja um desejo de marcar uma posição” (CARDOSO, 2004, p. 148).

É justamente nesse desejo de marcar uma posição que se estruturou o discurso de Carro Velho. As novas formações semânticas e formais, além de evidenciarem seu próprio estilo de fala, mostram como são as crenças e as atitudes dos falantes em relação à própria língua. A tentativa dele de usar palavras “difíceis” faz parte da crença de que existe um modo prestigioso de falar. Quem pensa não possuir esse modo prestigioso da fala vai tentar adquiri-lo, como fez Carro Velho. A intenção exagerada de imitar uma forma valorizada da língua será ridícula quando percebida por aquele que já domina essa forma. Isso é o que faz o discurso dele ser engraçado.

ESTILO, SEGURANÇA E ATITUDE PARA A FORMAÇÃO DO DISCURSO

Para Calvet (2002, p. 65), “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam”. Na intenção de falar bem, por meio de uma língua privilegiada, o falante comprova a existência de variantes desprestigiadas e a decorrência de uma série de preconceitos e estereótipos, nos quais as pessoas são julgadas pelo seu modo de falar, que circulam entre as variantes diatópicas, diastráticas e diacrônicas. Esses estereótipos são consequência da noção de “uso correto” (*bon usage*) da língua, segundo a qual, quando temos modos de falar que são consagrados como o modo certo, de outro lado teremos os modos condenáveis. Para decidir entre a rejeição ou a aceitação de determinado modo da fala, os falantes usarão o que Calvet (2002) chama de “norma espontânea”, “que os leva a decidir que forma deve ser

proscrita, que outra deve ser admirada: *não se fala assim, se fala assado*” (CALVET, 2002, p. 68).

Embora o discurso do Carro Velho ocasione o humor porque é perceptível a tentativa de se alcançar uma fala de elevado padrão linguístico, o falante não se sente questionado em seu modo de falar, fazendo da sua norma “a norma”, mesmo sabendo que a valorização da sua fala não chega ao modelo idealizado da língua. Quando questionado, em outra entrevista⁴, sobre o significado das suas palavras, ele afirma conhecer somente ‘rélpis’ (= ‘animais que se arrastam’) e ‘batráquio’ (= ‘animais que pulam’), aprendidos na quarta série. Assim, percebemos que o importante para ele não é a relação de sentidos nas formações ‘pessoa rélpis’ e ‘pessoa batráquio’, mas sim, a valorização das formas, ao empregar nível de linguagem de compreensão dificultada por meio de vocabulário restrito, léxico sofisticado e de difícil acesso, para passar a ideia de um discurso de alto padrão.

Vemos que, deixando um pouco de lado as criações formais e semânticas, as variações fonéticas de Carro Velho são comuns entre os falantes do português e orientadas para a otimização da sua produção linguística, quanto à facilidade de articulação, resultado de processos lenitivos. No entanto, por razões culturais e socioeconômicas, elas tendem ao preconceito linguístico, porque se ensina que o português não padrão é uma variação inferior em relação ao português padrão, e não diferente dele. Muitos dos traços da fala do Carro Velho, que são engraçados, por serem considerados “erros”, encontram-se em outras línguas, como o yeísmo do [ʎ] > [ɣ] em [fa'mɣʎa] > [fa'mɣa], “o que mostra que eles não são uma prova da “ignorância” ou da “deficiência mental” do nosso povo” (BAGNO, 1997, p. 202).

Para realizarmos um estudo das estruturas sociais e culturais que estão associadas à produção lexical, a fim de entendermos a motivação dessas escolhas lexicais em sua relação com a experiência individual, acumulada culturalmente, e com as práticas coletivas da linguagem, “é preciso transpor o estudo dicionarizado dos elementos lexicais e avaliá-los nas manifestações discursivas” (GIL, 2007, p. 1). Analisamos, então, alguns itens lexicais utilizados no discurso, por meio do critério lexicográfico⁵:

⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=hVyfDPpXJ-o>>. Acesso em: 06 ago. 2013.

⁵ Através desse critério, são considerados neologismos lexicais as unidades que não estejam registradas em uma seleção de dicionários de língua. Para tanto, foram adotados como *corpus* de exclusão três importantes dicionários brasileiros: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001), *Novo Aurélio*

Na Tabela 1, a seguir, temos as criações lexicais e novos usos de material lexical que favorecem o discurso de Carro Velho ao prestígio linguístico:

Tabela 1 – Criações lexicais e novos usos de material lexical existente no discurso de Carro Velho

item lexical	criação formal ⁶	criação semântica ⁷	Observações
batráquio		x	Infere-se no discurso que a associação semântica de ‘batráquio’ a ‘pessoa’ está além do traço semântico de ‘animais que pulam’. Percebemos nessa composição sintagmática o mesmo que acontece nas formações ‘pessoa rélpis’ e ‘respeito tecnológico’: o falante se preocupa com a valorização das formas, e não com a relação de sentidos. Infere-se do contexto que se trata de uma palavra de traço semântico [+positivo].
cabriocária	x		Registro não encontrado. Infere-se do contexto que se trata de uma palavra de traço semântico [+positivo].
estrambólica		x	Todos os registros apontam como sinônimo de ‘extravagante’, no entanto, percebemos no discurso o uso da palavra no sentido de apreciar, e não depreciar alguém. Temos, então, o significado invertido e orientado para o traço [+positivo].
estrogenoficamente	x		Conforme Basílio (2007), a esmagadora maioria dos advérbios é formada a partir do acréscimo do sufixo <i>-mente</i> a adjetivos. A forma em <i>-mente</i> apresenta um tom mais neutro e formal ao discurso. Ou seja, temos a valorização do sufixo sobre a palavra ligada a ele, escolhida pela sua forma, e não pelo seu significado.

século XXI: o dicionário da língua portuguesa (2005) e *Michaelis Português – moderno dicionário da língua Portuguesa* (1998). Utilizamos ainda o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa online*, da Academia Brasileira de Letras, disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>>. Acesso em: 01 ago. 2013, e o *iDicionário Aulete*, da Lexikon Editora Digital, disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/index.php>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

⁶ “A expressão de determinado conceito, previamente lexicalizado ou não, por um novo ou diferente item lexical, isto é, a mudança onomasiológica” (SILVA, 2006, p. 87). Ressaltamos que, entre as variações onomasiológicas, temos as extensões semasiológicas, pois entende-se que todas as mudanças semasiológicas são também onomasiológicas, principalmente, quando se leva em conta a iconicidade e o isomorfismo da palavra.

⁷ “qualquer transformação semântica manifestada em um item lexical” (ALVES, 2004).

inoxidável	x	Todos os registros apontam para ‘que não se oxida ou enferruja’, devido ao acréscimo de –in, passando a significar [-oxidável]. No entanto, não parece que a intenção de Carro Velho ao usar ‘pessoa inoxidável’ seja querer dizer ‘pessoa que não oxida’. Logo à frente, no texto, ele afirma: “pessoa inoxidável, quer dizer, uma pessoa brilhante”.
mediocrático	x	Todos os registros apontam como referente à ‘mediocracia’ (= ‘poder social e político dirigido à classe média’), no entanto, percebemos no discurso o uso da palavra no sentido de apreciar alguém [+positivo].
mediovágel	x	Registro não encontrado. Infere-se do contexto que se trata de uma palavra de traço semântico [+positivo].
respeito tecnológico	x	Percebemos nessa composição sintagmática o mesmo que acontece nas formações ‘pessoa rélpis’ e ‘pessoa batráquio’: o falante se preocupa com a valorização das formas, e não com a relação de sentidos.
subjestivamente	x	Provavelmente, motivado por ‘subjetivamente’. Infere-se do contexto que se trata de uma palavra de traço semântico [+positivo], cuja associação semântica de ‘subjestivamente qualificado’ a ‘pessoa’ está além do traço semântico de ‘qualificado de modo subjetivo’, conforme a ideia da associação.

A ESTILÍSTICA DA LÍNGUA ENTRE A INOVAÇÃO LEXICAL E O “ERRO”

Para aumentar o humor no discurso e corroborar o preconceito linguístico, temos o relato de pessoas que são referência no ensino do português, no Brasil, que contribuem para a ideia da língua de prestígio, como o professor Pasquale Cipro Neto. Numa de suas publicações para a Alô Escola⁸, ele afirma:

Muitas pessoas no Brasil dizem “pobrema”. A pronúncia oficial, no entanto, deve ser sempre como se grafa a palavra: pro-ble-ma. [...] A pessoa faz essa alteração muitas vezes em decorrência do seu meio cultural. Como vimos, o **problema** tem explicação científica e há solução para ele. A pessoa pode fazer um tratamento para aprender a empostar a voz, a pronunciar melhor as palavras (grifo nosso).

⁸ CIPRO NETO, P. Rotacismo: “pobrema” e “renegerar”. Alô Escola – Nossa Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/fonologia/rotacismo-pobremarenegerar.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

No texto de Carro Velho, os mecanismos de variação que levaram ‘programa’ a ‘pogama’ se assemelham com os de ‘problema’ > ‘pobrema’. Conforme Pasquale, trata-se de um problema com explicação científica que pode ser solucionado com tratamento fonoaudiológico. Ele ressalta que ninguém pode ser discriminado por esse “problema”, que tem nome: “dislalia ou distúrbio articulatório, antigamente, era chamado de rotacismo”⁹. No entanto, ao afirmar que a decorrência desse “problema” é o meio cultural em que a pessoa nasce e cresce, já não se trata de discriminação? Afirmer que o meio cultural interfere na vida da pessoa a ponto de ocasionar um problema [+ negativo / - positivo] na fala dela, e não uma variação [de traço ø, em relação a ‘problema’ (+) ou ‘solução’ (-)], além de preconceito linguístico, temos também o preconceito cultural¹⁰.

Como afirma Possenti (1998), para que o humor aconteça, além da criatividade, é preciso que haja um “solo” fértil de problemas, fruto da manifestação social que envolve assuntos polêmicos e estereotipados, na maioria das vezes, ligados ao preconceito. Falar de uma forma que seja diferente da norma culta pode resultar no preconceito linguístico, que seria mais um dos ingredientes na receita do humor.

Conforme Bourdieu (1998), a competência linguística legitima o indivíduo em um determinado grupo quando temos a ideia de que a língua é um produto a ser comercializado. Quem a domina tem o que oferecer, lançando todos os outros que não têm esse produto valorizado (domínio da língua) em um segundo plano, inferior. Para Bourdieu (1998), essa valorização deve acontecer quando observamos as práticas e condições sociais da linguagem. No entanto, até 1996, o ensino do português se resumia à memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, encaixava-se “num período em que ensinar gramática era algo obsoleto e inoperante” (SOUZA e ARÃO, 2009, p. 71). As reflexões sobre isso refletiram nos *Parâmetros Curriculares Nacionais – Português* (BRASIL, 1998; 2000). Ou seja, valorizava-se a forma da língua, e não o uso dela, embora ainda seja comum nos livros didáticos a maior parte do estudo da língua ser dedicada à estrutura

⁹ Pasquale está equivocado ao afirmar que o fato de as pessoas pronunciarem “pobrema”, em vez de “problema”, se trata de distúrbio da fala, *dislalia*. Essa característica é uma variação linguística, não uma doença, e a ciência que explica essa variação linguística é a Sociolinguística, e não a Fonoaudiologia, como ele pretende.

¹⁰ O conhecimento “científico” valorizado em detrimento do conhecimento “popular” — por exemplo, o desprezo por práticas medicinais naturais e tradicionais em favor de medicamentos químicos industrializados; ou a valorização da cultura transmitida por escrito em detrimento da cultura transmitida oralmente (BAGNO, 1997, p. 204).

gramatical¹¹. Provavelmente, ainda seja esse o motivo de o prestígio recair sobre aquele que domina a gramática da língua, como sinônimo da competência linguística.

Assim, se na Tabela 1 apresentamos os elementos que favorecem o discurso de Carro Velho, nesta outra (Tabela 2), os registros fonoestilísticos condenam sua fala em relação à norma, mas são comuns na variável não padrão do português.

Tabela 2 – Registros Fonoestilísticos do discurso de Carro Velho

item lexical	transcrição fonética	Observações
educô	[edu'ko]	Trata-se também de um caso de assimilação, em que o que era escrito e pronunciado OU, em pouco tempo, passou a ser pronunciado apenas Ô. Embora se escreva pouco, louro, roupa, fala-se ['poku], ['loru] e ['ropa], respectivamente (BAGNO, 1997).
famia	[fa'm γa]	É um caso de assimilação do [λ] pelo [γ], em que a dificuldade ao pronunciar a consoante [λ] faz com que o falante a substitua pelo som mais próximo [γ] (BAGNO, 1997).
fazeno	[fa'zẽnu]	É um caso de assimilação do [d] pelo [n]. Assim como <i>falando</i> , que passou a [fa'lẽnu]' (BAGNO, 1997).
levantano	[levẽ'tẽnu]	É um caso de assimilação do [d] pelo [n]. Assim como <i>falando</i> , que passou a [fa'lẽnu]' (BAGNO, 1997).
lidel	['lydɛw]	Pode-se afirmar que se trata de um caso de lambdacismo ¹² , assim como ['gawfu]. Como se deu na história da língua: o provençal [pa'pɛr] > [pa'pɛw], [flo.r] > [fro] (SILVA, 2006).

¹¹ Conforme evidenciado com a análise dos livros didáticos na dissertação de mestrado “O humor da palavra e o desenvolvimento da competência lexical: Análise de livros didáticos de português dos anos finais do ensino fundamental”, defendida na Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2013.

¹² Por terem sons próximos, as letras “l” e “r” acabam se misturando durante a trajetória diacrônica e sincrônica de modificação da língua, uma como constrictiva lateral alveolar sonora e a outra como constrictiva vibrante alveolar sonora, respectivamente (SILVA, 2006).

ninhuma	[nɨ'ɲũma]	Conforme Bagno (1997), trata-se de harmonização vocálica, em que a presença de [ɣ] e de [u] na sílaba tônica, faz com que as vogais átonas pretônicas escritas [e] e [o] se reduzam e sejam pronunciadas [ɣ] e [u].
pogama	[po'gẽma]	Conforme Costa (2007), trata-se de um rotacismo em que a “sequência de líquidas provocaria a dissimilação do [l] em [r] e de [r] em [ø], como, por exemplo, a realização de ‘problema’ por ‘pobrema’” (p. 7).
rélpis	[ˈrɛwpɨz]	Embora não exista caso parecido entre a nomenclatura dos metaplasmos, acredita-se que se trata de uma alteração fonética para a facilidade de articulação. [ˈrɛwpɨz] é mais fácil de pronunciar que [ˈrɛpɨtʃɨw] e, por isso, seria mais fácil também de ser assimilado confusamente e apreendido. Assim como ‘batráquio’, infere-se no discurso que a associação semântica de ‘batráquio’ a ‘pessoa’ está além do traço semântico de ‘animais que se arrastam’.
retombante	[retõˈbẽtʃɨ]	Provavelmente motivado por ‘retumbante’. Infere-se do contexto que se trata de uma palavra de traço semântico [+positivo], cuja associação semântica de ‘retumbante’ a ‘pessoa’ está além do traço semântico de ‘que produz som estrondoso’, definição na maioria dos registros.
simpricidade	[sĩprɨsɨˈdadʃɨ]	É um caso de rotacismo, em que há neutralização de uma líquida lateral por uma líquida vibrante em sílabas do tipo consoante+consoante+vogal, como, por exemplo, [ˈbluza] por [ˈbruza] (BAGNO, 1997).

Quando Dias Gomes criou o discurso de Odorico Paraguaçu, em “O Bem-Amado”, havia uma intencionalidade específica, e, como ressaltamos, recuperar os motivos e as finalidades que produziram os enunciados é importante para se chegar à significação textual. Existe a conexão entre a significação e a intenção (SEARLE, 1991). As formações neológicas (por meio das subversões de itens lexicais já existentes), na fala do prefeito, são uma demonstração de um suposto domínio sobre a língua, de seu “falar bem”. Dessa forma, o político faz uso do produto linguístico para conquistar seus eleitores, pois quem mostra ter conhecimento de um modo prestigioso da fala terá prestígio sobre falantes de outras variações. Temos vários exemplos:

(1) Quem é que pode viver em paz **mormentemente** sabendo que, depois de morto, defunto, vai ter que defuntar três léguas pra ser enterrado? (grifo nosso) (GOMES, 1992, p. 26-27).

(2) **Agoramente** já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, ratificação, a autentificação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu (grifo nosso) (GOMES, 1992, p. 31).

(3) Botando de lado os entretantos e partindo pros finalmentes, é uma alegria poder anunciar que **prafentemente** vocês já poderão morrer descansados, tranquilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira (GOMES, 1992, p. 31).

(4) Mas o acontecido **pratrasmente** não conta (grifo nosso) (GOMES, 1992, p. 66).

Essas formações sufixais em –mente parecem ter os mesmos propósitos de ‘estrogenoficamente’, lembrando o que Basílio (2007) diz sobre a contribuição desse sufixo para a neutralidade e a formalidade do discurso. No entanto, os sentidos das formas subversas de ‘mormentemente’, ‘agoramente’, ‘prafentemente’ e ‘pratrasmente’ são imprescindíveis para a significação, o que não acontece com ‘estrogenoficamente’, pois, conforme descrito, infere-se que a intenção ao usar essa palavra no discurso está ligada à sua forma, e não à associação metafórica da comida ou das características dela a uma pessoa.

No mundo acadêmico, encontramos muitas pesquisas que abordam os neologismos estilísticos na literatura, criações lexicais estritamente relacionadas à expressividade literária.

A partir do século XIX, ficcionistas e poetas, de Portugal e do Brasil, passaram a explorar mais intensamente o léxico virtual, reunindo radicais e afixos em novas formas. No Modernismo acentua-se o gosto pelos neologismos derivados e compostos, chegando-se ao auge com Guimarães Rosa (MARTINS, 2000, p. 113).

Deparamo-nos, também, com essas criações lexicais fora do ambiente da literatura com as mesmas funções literárias: como recursos expressivos da linguagem. Mesmo que elas não tenham valor para a literatura, seus propósitos estão intimamente ligados com a significação global do discurso no qual estão inseridas. Vemos que Carro Velho e Odorico Paraguaçu têm as mesmas intenções ao pronunciar essas palavras difíceis: enriquecer o discurso e passar a ideia de dominantes de uma fala de prestígio. O humor está na forma exagerada de fazê-lo. A fala de Carro Velho ainda se torna mais engraçada porque, em contrapartida, temos um monte de palavras com pronúncias inadequadas de acordo com a variante padrão do português, deixando transparecer a inadequação de quem não detém o produto linguístico de alto valor, se esforçando para comprovar que o tem.

A INTENCIONALIDADE ESPECÍFICA DO DISCURSO E AS RELAÇÕES DE SENTIDO

Em outro texto (ANEXO B), ainda que os enunciados sejam de difícil compreensão, percebemos que se trata de um discurso de cunho religioso, uma pregação, pois um dos traços comuns desse tipo de discurso é a ocorrência de palavras como ‘Briba’(= ‘Bíblia’), ‘Deus’, ‘Senhor’, ‘Cristo’.

Sabemos que a motivação para o pronunciamento de um enunciado pode não estar relacionado à sua condição de verdade. Ou seja, ele pode existir mesmo que em condição de anomalia, em que, sendo boa gramaticalmente, é claramente incoerente ou totalmente sem sentido, não gerando algum tipo de acarretamento (CANÇADO, 2005). Ou, não sendo anômala, pode ser contraditória, em que duas situações possíveis e não problemáticas, quando isoladas, são colocadas juntas (CANÇADO, 2005). No entanto, mesmo quando violam restrições de ordem lexical ou sintática, na natureza pragmática as contradições e anomalias se desfazem.

A pregação é repleta de frases com alternância de assuntos, constante mudança de sujeitos para a mesma ação e trechos bíblicos truncados. Nesta frase, por exemplo, o sujeito é Davi, mas se alterna para Sansão: “Davi cheiro do poder de Deus, ali usado na mão de Deus, o filho se revelou ao Pai, morreu num galho de arvre por que disabedeceu a órdi de Deus, Sansão disabedeceu a órdi de Deus”. A fala do pastor é carregada de trechos bíblicos, o que respaldará seu discurso, mesmo que a reprodução deles não seja totalmente fiel: “Deus ali amou o mundo de tão maneira e deu seu filho ali gêmeo para todos aquele que crê que a vida é eterna” e “És o Cordeiro de Deus, aquele que tira pecado”. Além disso, há enunciados anômalos, “Ali a Briba fala que Mozés cheiro do poder do espírito de Deus” e “A Briba fala morto com Cristo”; e incoerentes “os 4 cavalêro do acopalipes, fala, o vermeio apresenta guerra, amarelo apresenta desespero, branco apresenta paz e azul apresenta... preto apresenta morte”, “Deus ama... ama o pecado” e “Pode falar até na liga dos anju, se você não tivé iamô, nada é impossive pra ir pro céu”.

No entanto, seu discurso é legitimado pela Bíblia, pela constante recorrência a ela: “A Briba fala”, “A Briba diz”, “A Briba conta”. Como tem produto linguístico raro a

oferecer, sua fala é respaldada pelo produto religioso, que chama a atenção das pessoas que têm a mesma afinidade religiosa.

Exceto para os fiéis e seguidores do pastor, o humor é ocasionado quando percebemos que ele não domina um modo de falar de prestígio e pela pronúncia estranha das palavras, assim como no texto de Carro Velho, entre elas: ‘Copalipre’ (= ‘Apocalipse’), ‘filelion’ (= ‘file mignon’) e ‘quipanha’ (= ‘picanha’), além do emaranhado desconexo de citações bíblicas. No entanto, seu discurso é passível de aceitação pelo uso do código religioso, código forte (EPSTEIN, 1993), impositivo. Ou seja, mesmo que sendo estranho e incoerente, as contradições e anomalias se desfazem na natureza pragmática da textualidade (por meio da intencionalidade, da aceitabilidade, da situacionalidade, da informatividade e da intertextualidade).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é coerente falar então de “certo” ou “errado”, “coerente” ou “incoerente”, quando temos as intencionalidades específicas do discurso. A tessitura textual não é preenchida somente com informações linguísticas, mas sim, com a relação da língua e mundo, a fim de cumprir o seu papel social. Quando afirmamos que um texto é vago, como faz Kury (1989) (ANEXO C), afirmamos também que a língua é estática e que o jogo de sentidos não se constrói no processo discursivo. Palavras monossêmicas, como ‘avó’, por exemplo, continuarão vagas enquanto estiverem isoladas. A partir do momento em que elas são inseridas em um texto, o contexto desfaz a indeterminação. Corroboramos existirem palavras vagas, mas afirmar que frases ou textos inteiros podem ser vagos é temerário, assim como condenar esses discursos pelo modo da fala usado, tendo em vista os fatores pragmáticos da linguagem.



Fig. 2 (Disponível em: <https://fbcdn-sphotos-h-a.akamaihd.net/hphotos-ak-ash3/1185030_612917112061851_1285567253_n.jpg>)

THE LANGUAGE STYLISTIC BETWEEN THE LEXICAL AND THE “ERROR” IN THE ARGUMENTATION

ABSTRACT

Languages change every day and these changes are accompanied by various specialties of linguistic studies. In this article, we look some linguistic meaning particularities in the sociolinguistic theories through the properties of words and the relationship between them, integrating culture and society, because the characteristics constructive motivated by the social and cultural processes of signification can not be left aside. By emphasizing the pragmatic factors of language, we show that discourses can not be condemned by the mode of speech used, still common practice in the classroom.

Key-words: Linguistic And Social Variation; Stylistics; Speech; Lexical Choices.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- BAGNO, M. *A Língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BORDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BRAIT, B. Leituras, significações, efeitos de sentido. *Líbero* (FACASPER), São Paulo, v. 6, n. 11, p. 36-43, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série do Ensino fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica Semtec. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Parte II – Linguagens Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 2000.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CARDOSO, E. A. A criação neológica estilística. *Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, ano 11, n. 16. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

COSTA, L. T. Análise Variacionista do Rotacismo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 5, p. 24-29, 2007.

EPSTEIN, I. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

GIL, B. D. Aspectos ideológicos nas escolhas lexicais de Bezerra da Silva. In: VIII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal e II Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso. 2008. São Paulo. *Anais...*, 2007.

GOMES, D. *O Bem-Amado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

KURY, A. da G. *Para falar e escrever melhor o português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: T.ª Queiroz, 2000.

SEARLE, J. R. *Os atos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1981.

SILVA, N. A construção do estigma em migrantes lusófonos no século XXI. *Millenium* (Viseu), Viseu, v. 32, p. 296-307, 2006.

SOARES DA SILVA, A. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SOUZA, D. S. G.; ARÃO, L. A. A contribuição da Linguística no Ensino da Língua Portuguesa no Brasil. *Revista Babilonia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, v. 6/7, p. 67-78, 2009.

ANEXO A

Alô, alô, Carlinho Elói e ouvintes da 104! Aqui quem fala é seu amigo Carro Velho. Quero parabenizarmos pelo seu magnífico pogamas e pogama lídel em audiência, um pogama que vem levantano os ouvinte de Quixeramobim. Um, uma, um, uma pessoa que está fazeno o maior sucesso em Quixeramobim. Uma pessoa subjestivamente qualificado, uma pessoa medíocrático, uma pessoa retombante, uma pessoa cabriocária! São pessoas que vieram de nada e hoje num tem porra nenhuma também! São pessoas que vive fazeno um trabalho magnífico com a sua omilidade, a sua simpricidade, dento da consequência mediováigel. Quero cumprimentar meu amigo Carlinho Elói por ser uma pessoa inoxidável, quer dizer, uma pessoa brilhante! São pessoas estrambólicas! Quero parabenizar por ele ser uma pessoa rélpis, uma pessoa batráquio, pessoa que tenta alegrar a população do nosso Quixeramobim. Quero parabenizá toda famia Balbino, principalmente meu amigo Miguel Balbino, por ser uma pessoa estrogonoficamente sensível, uma pessoa que merece o respeito tecnológico, uma pessoa que vem também dar a sua contribuição aqui no Quixeramobim. E hoje quero parabenizá porque ele criou seu filho, educô e hoje tão ai, fazeno nada por ele! Muito obrigado!¹³

¹³ Texto adaptado do áudio disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QmMWjgIF5dk>>. Acesso em: 02 ago 2013.

ANEXO B

Salve os irmão com a bendita paz do Senhor. E a fartura de alegria está na casa do Senhor. E ali a Briba fala que se tivé três em meu nome estou lá, para exaltá e para louvá e agradecê a Deus. A Briba diz que Isac apresentô morto com Cristo. Mozés apresenta. Ali a Briba fala que Mozés cheiro do poder do espírito de Deus. A Briba fala que Mozés bateu com a vara no má e o má se abriu. Por quê Deus falô pra ele naquele dia. A Briba fala tobém, irmão, aleluia! Irmão, ali Deus falô ali pra Mozés: "Mozés,moshé moshé erés codó". Tira a sandália do teu pé por que a terra que tu pisa é santa, Mozés. Ali Deus unçô Mozés naquela hora. Disse: Mozés, te aumilha na presença de Deus! Ali a Briba diz tobém falô em Sonmuel. Sonmuel. Fala, Sonmuel! E Sonmuel respondeu e disse: "Fala Senhor, por quê teu cego ouça a voz do Espírito de Deus". A Briba diz tobém ali fala Elias morto com Cristo. A Briba fala morto com Cristo, Elias. A Briba ali ali tobém... a Briba diz... tobém fala que Deus ali amou o mundo de tão maneira e deu seu filho ali gêmeo para todos aquele que crê que a vida é eterna. Mais Igreja do Senhor. Aleluia. Deus ali tobém disse ali e Zaqueu hoje campais em tua casa. Desce hoje daí, Zaqueu. Hoje campais em tua casa, hoje existir salvação em tua casa. Ali a Briba falou para... ali Deus falô pra Mo... pra Zaqueu. Ali tobém Deus Pedro chamô, Deus ali filho do truvão. O nome Pedro e Thiago filho do truvão, filho do... filho do... da bença de Deus. Ali toméns os... Deus apresen... Mozés a... Daniel apresenta Deus de justiça! Poque Deus orava e... Daniel orava três vês no dia. Por que esperava a bença de Deus. Ali Deus tobém falô para... falô para Davi: "Cego meu, seja banani comigo". Nova criatura em tudo te fez novo. És o Cordeiro de Deus, aquele que tira pecado. João caprito primeiro versículo 29. Ali tobém o Deus falô para... Davi. Davi cheiro do poder de Deus. Ali usado na mão de Deus, o filho se revelou ao Pai. Morreu num galho de arvre por que disabedeceu a órdi de Deus. Sansão disabedeceu a órdi de Deus. Mas Deus... Deus é amor, mas é justiça, igreja. Deus amô, Deus ti ama, Deus ti qué... Deus é assim. Deus... ali a Briba diz que Deus usô até a jumenta de Baraial. Ele pode te usa tobém. Depende de você dar um lugar para Deus. Mas Deus é assim. Ele é Amor, mas é Justiça. A palavra de Deus é amarga, mas é doce para aqueles que... aqueles que aceitá ele a com Salvador. Jesus é assim. Ali a Briba tombém conta dum hõmi cheiro do poder. A Briba diz que ele mandô ali Xuão, Xuão cheiro do amor de Deus. Ali a Briba diz que Xuão cheiro do Espírito Santo subia ao templo mais Pedro, subia mais Thiago e disse: "Eu num tenho plata em ouro, mas eu tenho Jesus de Nazaré. Alevanta e anda"! E ele alevantou o cego Darquineu. A Briba fala... nessa coisa. Deus amô o mundo. Ali tobém Deus conta dum jóvi abridiente que honrava a Ele! A Briba diz que Daniel honrava a Ele. Recebia o Rei que iria pra ele adorá, mas ele disse: "Eu adoro um Deus vivo,um Deus que tem podê, um Deus que faz milagre, um Deus que alevanta aleijado. Deus faz os cego enxergá. Meu irmão, Deus...Deus é amô. Jóvi que está... os jóvis tem tempo para exaltá. A Briba diz que lembra-te do teu Criador dos dias de hoje, jóvi...o salmo 40 que diz assim: "Esperei com paciença no Senhor é... e o Senhor subiu meu cremor e viu meu... esperei com paciença no Senhor e a sua misericorda dura para sempre.". O Senhor meu... e nada me faltará. Essas... e essas palavras que Deus me deu. Amém. A Briba diz que a Copalipre apresenta os 4 cavalêro... os 4 cavalêro do acopalipes. Fala: o vermeio apresenta guerra, amarelo apresenta desespero, branco apresenta paz e azul apresenta... preto apresenta morte! Briba disse que o jóvi é pe... a Briba disse que o jóvi ele se dedicá a Deus. O jóvi tem tempo para exaltá,o jóvi num tem tempo para falar mal da vida de seus irmão. O crente... ele exaltá Deus. O crente, a Briba fala que Deus... Deus é Amor, mas é Justiça!. Jóvi, lembra do teu Criador dos dias de hoje da tua mocidade. Ali Jesus morreu, mas no calvário. Ali morreu naquela cruz para nossos pecado. Jesus gosta do crente que tem amô. Pode falar até na liga dos anju, se você não tivé iamô, nada é impossible pra ir pro céu. João 11:35: "Jesus chorou por nossos pecado.". A Briba diz que Xó ali a Briba diz que Deus destruiu Sodoma e Gomorra, porque que ali existia o pecado. E se Xó que tivé dez pessoa me adorá, eu não destróio tua cidade. Mas ele poupô a família de Xó. Só a família que Xó que tinha. Mas Deus destruiu porque lá existia viado... existia tanto tipo de imundiça, mas Deus destruiu. A lágrima do Senhor do dilúvio ali... Noé destruindo eu vou mandar 40 dia e noite de chuva por que com as lágrima do Senhor destruiu aquela cidade porque Deus ama... Deus ama... ama o pecado. Ele ama o homem, mas não obedece o pecado. Fia de Sião, era de uma lindeza, para ali quem ver aquela boniteza. A Briba diz que Adão e Eva era tava no jardim de uedem porque ali a Briba fala que aquele cho... aquele... aquele chove, aquele que sei, chamava Deus. A Briba fala que Eva, Eva era uma mulher muito bonita,mas a Briba... a Briba... eu acho...é... a Briba não relata. Eu tenho pra mim parece com Carapelli. Mas a Briba fala que uma arvre tão bonita ali mas ela,a Briba fala que ela saiu de uma costela de Adão. Eva saiu da costela de um... de Adão. É uma... uma coisa boa. Saiu do filé do homem, do filélion.

E se Eva fosse feita da qui.. .da quipanha? Num sei não. Ah, eu vou expricar porque (é melhor parar). A Briba diz que Eva saiu numa costela do homem. Mas disabedeceu a órdi de Deus. E de nesse dia,a cobra disse: Eva diz para Adão e Eva: "Come essa maçã que essa maçã não faze...não faz mal.". Mas ela disabedeceu a órdi de Deus. Ali disabedeceu a órdi de Deus... comeu. Mas ali eles pecaram e a Briba diz que eles pecaram. Adiante a de Deus. Por que Deus não rebedece o pecado Deus ama o pecador, não obedece o pecado. Vamos crente, eles se servo de Deus. O crente ele obedecê a órdi de Deus. Se Deus mandá tu falá, tu fala, se Deus mandá tu í acolá, tu vai. Por que Deus, é Deus é Amor, mas é Justiça!¹⁴

¹⁴ Texto adaptado do áudio disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=aD0wUZtg9aw>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

ANEXO C

COLUNA A	COLUNA B	COLUNA C	COLUNA D	COLUNA E	COLUNA F	COLUNA G
1. A necessidade emergente	se caracteriza por	uma correta relação entre estrutura e superestrutura	no interesse primário da população,	Substanciando e vitalizando,	numa ótica preventiva e não mais curativa,	a transparência de cada ato decisional.
2. O quadro normativo	prefigura	a superação de cada obstáculo e/ou resistência passiva	sem prejudicar o atual nível das contribuições,	não assumindo nunca como implícito,	no contexto de um sistema integrado,	um indispensável salto de qualidade.
3. O critério metodológico	reconduz a sínteses	a pontual correspondência entre objetivos e recursos	com critérios não-dirigísticos,	potenciando e incrementando,	na medida em que isso seja factível,	o aplanamento de discrepâncias e discrasias existentes.
4. O modelo de desenvolvimento	incrementa	o redirecionamento das linhas de tendências em ato	para além das contradições e dificuldades iniciais,	evidenciando e explicitando	em termos de eficácia e eficiência,	a adoção de uma metodologia diferenciada.
5. O novo tema social	propicia	o incorporamento das funções e a descentralização decisional	numa visão orgânica e não totalizante,	ativando e implementando,	a cavaleiro da situação contingente,	a redefinição de uma nova figura profissional.
6. O método participativo	propõe-se a	o reconhecimento da demanda não satisfeita	mediante mecanismos da participação,	não omitindo ou calando, mas antes particularizando,	com as devidas e imprescindíveis ênfases,	o co-envolvimento ativo de operadores e utentes.
7. A utilização potencial	privilegia	uma coligação orgânica interdisciplinar para uma práxis de trabalho de grupo,	segundo um módulo de interdependência horizontal,	recuperando, ou antes revalorizando,	como sua premissa indispensável e condicionante,	uma congruente flexibilidade das estruturas.

KURY, A. da G. *Para falar e escrever melhor o português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 18 - 19.

Segundo o autor, o quadro consta da obra de Cesare Marchi, *Impariamo Italiano* (“Aprendamos o Italiano”), Milão, Rizzoli Ed., 1984, e teria sido elaborado por dois professores universitários italianos no estudo “Prontuário de frases para todos os usos para preencher o vazio de nada”.